



Rodas de Leitura

O que são, de onde vieram, para onde vão?

Rodas de Leitura

Como o próprio nome já diz, as rodas de leitura não são novidade. Nem aqui no Brasil, nem em outros países, onde é comum autores ou professores de literatura serem pagos para realizá-las, permanecendo em seguida à disposição do público para discussões e esclarecimentos. Tampouco este tipo de atividade é fruto da alardeada pós-modernidade, pois sabemos que da Grécia antiga ao tempo de Kafka as leituras públicas eram comuns como forma de divulgar obra e autor. De modo que nada há de inédito no projeto, a não ser a sua extrema simplicidade num momento em que a sofisticação e o requinte de certos métodos parecem protagonizar a cena literária. O ineditismo, no caso deste programa especificamente, fica por conta dos procedimentos utilizados com relação ao local em que se realiza.

As rodas são leituras públicas de texto, realizadas dentro de um Centro Cultural onde, simultaneamente, outros eventos estão em cartaz: cinema, vídeo, exposições, teatro, etc. Colocar leitura nesse espaço, ou seja, fora da escola ou da universidade significa, para mim, equipará-la às outras atividades de lazer ali oferecidas. Então, assim como o indivíduo vai para uma fila e reserva uma senha para assistir a seu filme preferido, vai também reservar seu bilhete para ler seu autor favorito. Entra numa sala, recebe um texto e senta-se, juntamente com outros, para ler. A diferença é que ali existe um leitor-guia que, normalmente, é um escritor ou um professor de literatura. Este guia lê em voz alta, pausadamente, enquanto todos acompanham a leitura no seu respectivo texto. Depois, ele inicia uma conversa com o público. Falo em conversa porque não se trata de ler e/ou fazer uma conferência com tema previsto. Tampouco trata-se de uma aula, com assunto para teorizar ou enfocar didaticamente.

O comentário é feito em tom de diálogo, e depende do nível cultural da platéia presente, de seus questionamentos, suas curiosidades. Depende também do grau de informação do leitor-guia (seu modo de pensar o texto) e da dimensão que as leituras podem assumir na vida de seus participantes.

E o que isso significa?

Simplemente que a leitura passa a ser reconhecida, em parte como lazer, em parte como elemento formador e reformulador de conceitos na tarefa (difícil?) de educar. Educar, sim, porque leitura e educação andam juntas.

Leitura e educação

A relação entre leitura e educação é, aparentemente, óbvia. É "moderno" e comum dizermos que na vida tudo é lido. Lemos o dia de sol ou de chuva, a alegria ou a tristeza das pessoas, o terno azul, o vestido estampado, os olhos verdes, etc. Enfim, ver e ler tornam-se sinônimos, sendo que o ler recobre o verbo ver de uma camada mais espessa que é a observação. Uma observação que, naturalmente, leva em conta um certo modo de o indivíduo pensar a vida e se relacionar com o mundo. E que é variável conforme o dia, o ângulo do observador, o humor da pessoa que lê/vê alguma coisa.

Com base no que acabei de afirmar, posso dizer que a leitura do texto literário adensa mais ainda nosso ver porque o texto é plural e faz, portanto, com que o ver seja móvel. Ambíguo, ambivalente, pois. Qualidades estas que só vamos encontrar com a mesma força num outro pulsar: na vida.

Infelizmente, a educação que nos é oferecida alimenta-se de conceitos outros fazendo-nos imaginar um mundo estático, sem nenhuma dinâmica, fruto do medo.

Adélia Prado, em certo poema, nos fala desse mundo, segundo ela, sem poesia:

*"De vez em quando
Deus me tira a poesia.
Olho pedra, vejo pedra mesmo.
O mundo cheio de departamentos
não é a bola bonita
caminhando solta no espaço (...)"*

Essa leitura "departamentalizada" e medrosa da vida só acontece quando não fomos educados para aprender o que nela existe de movimento, de ruptura constante e - por que não dizer? - de morte.

A leitura da literatura indica esse movimento e essa morte (aqui entendida sempre como renovação) quando utilizada para formar indivíduos. O romance, o conto, o poema dão a conhecer um mundo que não cabe nos departamentos de que nos fala Adélia Prado em seu poema.

Ou seja: a boa leitura do texto literário, para além de qualquer teoria ou conceito, nos ensina a compreender o universo em que vivemos e a fazê-lo sem medo. Ensina-nos a dialética, a dinâmica de tudo e assim nos torna melhores como seres humanos, pois nada há que nos deixe mais infelizes do que a pobre certeza com a qual se ilude nosso ego: a de que nada ou pouco pode mudar. Ficamos melhores porque somos capazes de perceber as mutações constantes, nossa vida como um caleidoscópio: os mesmos elementos gerando desenhos imprevisíveis no visor do tempo.

O papel do professor ou, no caso da roda de leitura, do leitor-guia, é sempre fundamental. Cabe-lhe levar quem lê a perceber as imensas possibilidades de um texto e tudo o que nele está contido de conhecimento, sabedoria e informação. Estamos, pois, com um material precioso nas mãos. Estou convencida de que o processo de despertar o prazer de ler passa pela descoberta deste sentido maior que a leitura pode assumir.

A escolha do leitor-guia torna-se, assim, um procedimento delicado e é, talvez, a estratégia mais importante em qualquer trabalho que pretenda formar leitores.

O leitor-guia

Professor, escritor, crítico literário ou leigo, o leitor-guia possui função decisiva na leitura de qualquer texto. É através do modo como ele encara o ato de ler que sua leitura far-se-á mais ou menos interessante.

Sempre defendi uma leitura plural, onde os aspectos propriamente literários da obra não fossem antepostos quando dos comentários iniciais. Ou seja: a primeira tarefa - essencial a meu ver - seria estabelecer, entre o leitor e aquilo que ele leu, uma relação afetiva com seu cotidiano. Isso significa ler levando-se em conta a diversidade de assuntos que um bom livro pode nos sugerir.

A diversidade apontada acima passa por percebermos na obra seu nível histórico, filosófico, sociológico, psicanalítico, político, existencial e o que mais aí couber., deixando-se as classificações de personagens, de narradores e questões afins como esclarecimentos eventuais, se o público, para compreender a obra, deles necessitar.

É nesse momento que escolher o leitor-guia adequado torna-se importante. O perigo de certas eleições é o de nos deixarmos fascinar pelo grau de "especialização" de certos professores (sem, em momento algum, negar a importância da informação e do aprofundamento) que, na primeira oportunidade, tratam de exhibir determinados conhecimentos não necessariamente úteis ou que fogem ao interesse dos leitores em geral.

Muitas vezes, ao receberem o convite para ler nas rodas, alguns professores alegam não serem "especialistas" na matéria. Digamos, se o autor pertence à literatura hispano-americana, o professor alega "não ter formação naquela área específica", não podendo, por isso, realizar o trabalho. Mal sabe ele que, quando chamo alguém, estou interessada no profissional enquanto leitor, no tipo de percepção e dinâmica que irá criar em torno da leitura.

É minha convicção de que não preciso, necessariamente, me especializar num certo tipo de literatura ou gênero para poder conversar sobre ele criativamente... Sequer penso que deva ler a obra completa de um determinado autor para abordar, em público, um texto seu. Sou, antes de tudo, professora de literatura e escritora. Ler é minha profissão, minha paixão e minha competência. Leio tudo, sobre tudo. Sem preconceitos. E comento o que for possível, dentro dos meus limites, que são muitos.

Com isso, não advogo, como já disse antes, a leitura impressionista ou superficial. Simplesmente não me parece que ser "sério" signifique especializar-se em um determinado "ramo" da literatura, para poder comentá-la com uma platéia.

O interessante, nas Rodas, é que a responsabilidade didática ou acadêmica desaparece, dando lugar a um tipo de relação mais, digamos, prazerosa com o que é lido.

É preciso lembrar que o programa tem por objetivo fazer nascer o leitor escondido dentro de nós, sejamos médicos, estudantes, donas-de-casa, executivos etc. Não estamos, portanto, diante de público especializado e talvez a maior dificuldade resida aí. Quem é meu público? Para quem falo? Esta pergunta deve

rondar a cabeça da maioria dos guias de leitura, pois como vamos abordar um texto se não temos público definido?

A esses questionamentos eu responderia mais como escritora do que como professora. A solução, nesse caso, é optarmos pelas leituras pessoais que, em geral, são muito mais criativas. Muito provavelmente o autor, na hora de criar, não pensou em um público específico, porque o bom texto fala um pouco de tudo, para todos. Façamos como ele, o que não significa nem de longe abordagens superficiais em nome do espontaneísmo.

O ato da leitura deve, de preferência, ser tão inventivo quanto o momento da criação da obra. Utopia? Não. Ler, e ler literatura, é escrevermos uma outra, e a mesma história, dentro de nós.

Para atender a interesses tão diversos, creio que o leitor-guia deverá descobrir para/com a platéia o que na obra lida existe de informação, de conhecimento do mundo, o livro servindo de ponte para a compreensão da nossa vida de hoje, de ontem ou amanhã. É realizando leituras criativas, propondo ao público as mais diversas questões e provocando-o que isso pode acontecer. A entonação, as pausas, o tom de voz, também são fundamentais, bem como a facilidade de comunicação.

Às vezes, pessoas brilhantes não são tão bem-sucedidas quanto outras, cujo suporte teórico-crítico é menor. Dependendo da situação, não é preciso que o guia de leitura seja, necessariamente, formado em Letras.

Há estratégias interessantes. Um dos nossos leitores-guias, por exemplo, ao ler "O Espelho", de Machado de Assis, falou um bom tempo, antes de iniciar a leitura, sobre o significado do espelho na cultura ocidental, retomando alguns desses significados ao final da narrativa. Outro, iniciou sua leitura de "O Bilhete de Loteria", de Anton Tchecov perguntando ao público - o que fariam se ganhassem na Loteria Esportiva. Com estes dados colhidos de antemão, iniciou a leitura do conto que é, como todos os textos de Tchecov, um profundo estudo da alma humana e da sociedade russa de então. Outro leitor-guia ainda, propôs às pessoas, no final da análise do texto, que escrevessem um bilhete à protagonista de um conto de Moacyr Scliar.

Casos, piadas, passagens interessantes da biografia do escritor, brincadeiras, imagens projetadas em uma tela, vídeos são ótimas formas de chamar a atenção do público antes, durante ou após a leitura.

Quando o leitor-guia for o próprio escritor, então as coisas mudam. Para melhor, ou para pior. Para melhor, no sentido de que ele é a atração principal, o testemunho máximo da obra e a discussão ou conversa torna-se mais conseqüente, mais viva.

Às vezes, porém, a presença do autor pode intimidar o público (o que é raro), ou o próprio inibir-se um pouco para discorrer sobre seu trabalho (o que acontece com frequência, pois, na maioria das vezes, o autor não é a pessoa ideal para falar sobre sua própria obra).

Nesse caso, a figura de um mediador, que conheça literatura e tenha lido a obra em questão, é importantíssima. Em última análise, essa espécie de "curinga" pode atuar como entrevistador, dinamizando o encontro.

Cada leitor-guia, claro, possui um determinado modo de ler e essa variedade é necessária bem como a escolha inteligente e sensível dos textos da programação.

Os textos

Conto, romance, poesia, crônica, teatro. Seja qual for o gênero, jamais os textos são impostos ao leitor-guia. Em outras palavras, quem elabora uma programação de leitura não é quem coordena, mas quem vai ler. Comentar textos determinados "de fora" significa reproduzir os mesmos procedimentos que a escola e a universidade utilizam: impõem uma programação de leitura por exigência do currículo. Como coordenadora do evento posso, quando muito, escolher os temas em torno dos quais girarão as leituras durante certo período. Posso também controlar a programação de modo a que as leituras e/ou autores não se repitam.

E cada gênero possui uma estratégia própria de abordagem na roda. Existem limitações, é claro, mas elas dizem respeito ao "tamanho" do texto lido. Em geral, os contos curtos são aqueles que mais se prestam aos objetivos de uma roda.

São várias as vantagens desse gênero. Uma delas é que os contos se oferecem como histórias "completas", no sentido de que as lemos e ali estão, inteiras em seus diversos significados. A percepção da história como um todo num tempo breve de leitura é imprescindível para o trabalho de aprofundamento em seus temas. A resolução ou não dos conflitos, os personagens com seu peso ou sua leveza, nocauteando-nos (usando aqui uma expressão muito conhecida de Julio Cortazar, para quem, enquanto num romance, o romancista ganha o leitor por pontos, no conto, o contista ganha por knock out ou desvelando-nos, de forma condensada, seu drama.

Com relação aos romances, talvez seja melhor a leitura dos seus inícios, fazendo-se uma espécie de introdução explicativa à obra. Assim, por exemplo, ler e pensar o prólogo do Fausto de Goethe, ou a aposta inicial entre Deus e Mefistófeles, são ações que servem para incentivar a leitura do resto do livro, ao mesmo tempo em que se oferece ao leitor uma chave de compreensão. O mesmo pode ocorrer com outros livros considerados "complexos", como Ilíada, Divina Comédia, Memórias póstumas de Brás Cubas, Grande Sertão veredas e outras que tais.

A leitura não deve ocupar mais do que quinze ou vinte minutos do tempo total da sessão, que dura uma hora e meia.

A exemplo dos romances, o leitor-guia pode "introduzir" o público na ambiência das peças de teatro ou escolher um trecho que seja particularmente ilustrativo da obra como um todo (sempre depois de uma breve síntese da peça). Nesses casos, o resumo é de vital importância para que o leitor possa perceber o significado do fragmento e não se dispersar. O guia vai, evidentemente, observar as características da linguagem teatral e ensinar que as peças podem ser lidas tão gostosamente quanto os romances. Nelas, a ação se entremostra nos diálogos, no cenário, na indumentária das personagens, instâncias que fazem as vezes do narrador.

Os poemas são um capítulo especial. Pode-se ler um autor de modo mais "profundo", ou vários, organizando-se uma espécie de antologia. Em qualquer dessas opções, o principal é descobrir, com o público, o prazer escondido na sonoridade das palavras e na organização rítmica, as imagens, a liberdade de interpretação, a riqueza filosófico-existencial contida num verso, como, por exemplo, em "Nascer é muito comprido", de Murilo Mendes.

Comparar a linguagem da prosa com a da poesia, perceber como cada poema tem um ritmo próprio, e precisa de tempo para conviver conosco, é passo essencial na leitura de um poema. Perceber também que sua linguagem não quer ser entendida racionalmente, mas que ela se dirige aos sentidos. Um pouco da história da poesia (sem historicismos) faz bem. Afinal, estamos apenas iniciando, formando um público para o convívio com a linguagem mágica do poema. Ou não?

Fundamental ainda é todos terem o texto na mão e nada ser comentado de forma abstrata. Há uma diferença enorme entre a história ouvida e a história lida. O que é lido se fixa mais em nossa mente ao mesmo tempo que provoca. E provoca porque ocasiona o que a história apenas ouvida não permite: a releitura. É muito importante repassarmos o texto, hora em que os detalhes de vocabulário, de construção, de intenção aparecem com maior nitidez.

Desnecessário é dizer que uma das funções centrais da leitura é despertar a imaginação, causar prazer. No meu caso, o hábito de ler, adquirido na infância em uma cidade do interior, por força de longas tardes sem opção de lazer, foi o elemento facilitador de minha rápida adaptação à metrópole, ao trânsito, aos "orelhões" (uma das novidades mais incríveis para mim, afora a televisão), à violência. Compreendi isso muito mais tarde, quando comecei a ensinar Literatura e Língua Portuguesa nos diversos níveis e nos mais variados estabelecimentos de ensino. Era fácil verificar como alunos sem experiência de leitura demoravam, por exemplo, a estabelecer relações, muitas vezes óbvias, entre as coisas, entre espaços, entre textos.

Por essa época, percebi também as enormes falhas no ensino da literatura a partir do programa que, como professora, era obrigada a cumprir. Para quem, como eu, estava acostumada aos livros, ficava difícil tanto aprender (na faculdade) quanto ensinar (nas escolas) literatura, utilizando tão somente a teoria e a História. Enfim, estas são recordações e observações elementares, desnecessárias até - alguém poderia dizer - , mas conhecendo-se o meio acadêmico, vamos verificar que, de tão simples, acabam ficando esquecidas por uma teorização que, muitas vezes, desconsidera a importância de um trabalho de sensibilização do leitor.

Esse conjunto de circunstâncias facilita o entendimento do tipo de leitura em questão. Nas Rodas, torna-se absoluta a necessidade de sermos claros e buscarmos favorecer o leitor, sem simplificações.

Um elemento importante neste evento é o coordenador que, estabelecendo um contraponto, pode funcionar como aquela espécie de "curinga" a que me referi, para o caso de a platéia apresentar-se tímida ou o próprio expositor encontrar-se com dificuldade de expressar determinados conceitos, o que pode vir a acontecer.

Seu papel então será o de perguntar e/ou de complementar com observações, supondo-se sempre que, como responsável pelo projeto, terá tido oportunidade de avaliar o texto anteriormente.

A leitura

O local da leitura deve ser acolhedor, silencioso, evitando-se o entrar e sair de pessoas ou interrupções desnecessárias. Portanto, fogem totalmente aos objetivos de uma roda as leituras ao ar livre, em praça pública. Esses locais são mais adequados à teatralização de textos ou a contadores de histórias.

O leitor-guia lê pausadamente, comenta, faz observações interessantes, curiosas, divertidas, informativas. Como já vimos, são muitas as estratégias de abordagem. Lido o texto, inicia-se o diálogo que será tanto mais empolgante quanto mais verdadeiro for, quanto mais os elos com a realidade que vivemos se fizerem sentir.

As cifras do projeto

O Rodas de Leitura é um projeto simples, barato e objetivo no que diz respeito ao seu financiamento. Basicamente precisa-se de verba para:

- remuneração dos leitores-guias (professores ou escritores);
- cópia dos textos;
- remuneração da coordenação;
- material de divulgação (folders e cartazes) .

Estes itens acima descritos podem variar, dependendo do formato escolhido.

Nas Rodas do Centro Cultural Banco do Brasil, no Rio de Janeiro, como temos um financiamento garantido, podemos "ousar um pouco", acrescentando à produção certos detalhes que dão "personalidade" ao projeto e têm justificativa concreta.

Por exemplo, uma ou duas vezes ao mês, participam escritores de outros estados. Para que isso aconteça, faz-se necessária uma verba "extra", envolvendo custeio de passagem e hospedagem.

Os textos não são xerografados, mas digitados e reproduzidos graficamente por sistema de microcomputação. Parece sofisticação em demasia, mas não é. Com este processo, evitamos a utilização da cópia xerox, tão combatida pela indústria editorial. O ideal é solicitarmos uma autorização por escrito do autor ou da editora para reproduzirmos os textos, evitando, assim, complicações legais. A remuneração dos leitores-guias é sempre a melhor possível. Ao estabelecermos esta remuneração, levamos em conta:

- a formatação e a capacidade do leitor-guia, seja ele escritor ou professor;
- o tempo da pesquisa gasto na preparação da leitura;
- o tempo gasto na apresentação do trabalho (1 1/2h).

A remuneração do coordenador do projeto deve levar em conta vários itens e responsabilidades, e depende da complexidade maior ou menor do programa apresentado. A atividade envolve, além da responsabilidade moral e pedagógica pelo evento, uma série de tarefas. São elas:

- idealizar o programa de leituras;
- definir a temporada do evento, bem como hora e local;
- contatar e garantir a presença e participação de todos os leitores-guias;
- recolher, definir e discutir com os guias de leitura o material que será impresso e lido;
- controlar a qualidade do material impresso, biografias, biobibliografias, - -
- bem como a entrega nos prazos acordados;
- remunerar os profissionais envolvidos no projeto;
- enviar correspondência (carta-convite, ajustes de leitura e horários);
- acompanhar todas as leituras;
- colaborar na divulgação do evento, comparecendo a rádios, tevês, jornais,
- ajudando na elaboração dos press-releases necessários;

Enfim, o mistério maior das cifras do programa diz respeito a encontrarmos um patrocinador disposto a investir neste trabalho. Tarefa difícil, mas não impossível. As Rodas são um exemplo disso.

A história do projeto no Centro Cultural Banco do Brasil

As Rodas nasceram de um desejo que tive de estender uma prática de sala de aula a um público não-específico. Primeiramente ofereci à biblioteca do Centro Cultural, em 1992, duas oficinas de leitura nos moldes como as que desenvolvia em outros lugares. A idéia foi acolhida com entusiasmo pelo coordenador da biblioteca, à época, Sr. Oduvaldo Braga. O resultado foi tão fantástico que, no ano seguinte, em março, resolvi experimentar as "rodas" durante três meses numa pequena sala da biblioteca e para um público de, no máximo, 25 pessoas. Chamei profissionais para participarem da experiência. Eram eles, o escritor Victor Giudice, a ficcionista Rosa Kapila, o professor Nelson Saintive e eu. A atividade acontecia aos sábados em dois horários tidos como "difíceis" numa cidade como Rio de Janeiro: 10h30 e 13h, hora de praia e hora de almoço!

Durante três meses nos revezamos em leituras que iam de Lygia Fagundes Telles e Clarice Lispector a Julio Cortazar e Jorge Luis Borges.

O resultado foi tão bom, a resposta do público tão imediata que já na segunda semana o local ficou pequeno. De 25, pulamos para 35 lugares, salinha cheia nos dois horários, filas de espera, corridas por senhas em pleno sábado de sol nesta cidade tão convidativa a passeios "externos". A sensação muito viva que eu tive, na época, foi a de que a leitura estava realmente sendo percebida como lazer, informação, conhecimento. Ponte para a compreensão da vida.

Ao encerrar-se o projeto, a continuidade tornou-se inevitável: pedidos, protestos, abaixo-assinados para nada mais, nada menos que ler! Apanhada de surpresa, a coordenação da biblioteca - já nas mãos da Sra. Marta Paggy - resolveu, após um mês para reorganização, retomar o projeto em outros moldes.

As "rodas" foram transferidas para outro dia, em novo horário e para uma sala agora com 40 lugares que, no ano seguinte, transformou-se em 50, depois em 80, sendo que o auditório com mais de 100 lugares precisou ser utilizado de modo permanente para o projeto. Havia filas de espera, pessoas que não se importavam em sentar no chão ou acomodarem-se como podiam. Se havia falta de texto (batalhava para que não houvesse), as pessoas partilhavam um mesmo exemplar.

Com a reorganização, fez-se necessária a elaboração de um folder com a programação das 2 leituras e a confecção de cartazes. A presença de autores como leitores-guia também foi estimulada e passados 13 anos recebemos mais de 400 escritores, entre eles Adélia Prado, Ferreira Gullar, Moacyr Scliar, Ignácio de Loyola Brandão e outros. Jorge Amado leu, pela primeira vez para um público de mais de 300 pessoas (todas com seu texto na mão), um trecho de Tenda dos milagres no ano de 1995. Em 1996, os mais importantes cronistas do país leram e comentaram seus textos para um auditório lotado. Alguns dos melhores profissionais de literatura do Rio de Janeiro e de outros estados participaram do projeto.

Sempre procurei elaborar uma programação diversificada, que atendesse às mais variadas exigências. Ciclos em que focalizamos autores clássicos e contemporâneos, poesia, ficção, autores, atores ou diretores de peças teatrais já comentaram trechos de suas obras preferidas. Ciclos dedicados à literatura portuguesa ou hispano-americana, à literatura fantástica e literatura erótica. Os contos das Mil e uma noites já foram temas de um mês inteiro de leituras. Todos comentados por excelentes guias de leituras, o público escolhendo esta ou aquela obra ou desejando participar de todas as seções.

Todos os livros lidos na Rodas ficavam à disposição dos leitores na biblioteca, onde a equipe de bibliotecários organizava uma pequena exposição na entrada do local em que as leituras eram realizadas. Um sorteio dos livros lidos finalizava a sessão. Tudo muito simples, sóbrio e objetivo.

Ao longo de treze anos de trabalho, o projeto sofreu alterações na sua estrutura que foram realizadas para atender aos interesses do patrocinador. A partir do 6o ano, as Rodas começaram a ser mensais (a instituição desejava abrir espaços para outros projetos de literatura). Essa "quebra" na continuidade semanal das sessões de leitura deu ao programa um caráter mais eventual, perdendo ele assim muito de seu traço mais educativo, além de ter gerado muitos protestos por parte do público que já estava acostumado ao modelo anterior (a essa altura as Rodas já tinham se tornado um hábito na vida de seus frequentadores). Em compensação ganhou glamour, status de "evento especial" e começou a se estender por outros CCBBs. Foi para Brasília (onde ficou por 05 anos, com grande sucesso de público e de mídia) e para São Paulo (ali permaneceu durante dois anos).

O projeto viajou durante 03 anos por todas as capitais do Brasil fazendo parte da agenda do Circuito Cultural Banco do Brasil.

A esta altura o Brasil inteiro e, inclusive, algumas instituições públicas já estava familiarizado com o projeto. Fazer "roda de leitura" virou sinônimo de atividade obrigatória em bibliotecas, salas de aula e programas onde a leitura estivesse em foco.

Em 2005 e 2004 já aconteciam as Rodas Internacionais com autores estrangeiros que vinham para simplesmente ler e conversar com o público. Eduardo Galeano (Uruguai), Atiq Rahimi (Afeganistão), Pepetela (Angola), Miodrag Pávlovitch (Sérvia) ou Nurudhin Farah (Somália) foram alguns entre muitos autores estrangeiros convidados.

Mas esta é uma outra história: o começo de uma transformação que pode alavancar um evento, mas não cumpre tão bem a missão de uma roda de leitura: despertar o prazer íntimo do leitor em contato com o texto com seu autor. Hábito é continuidade, é isto que sedimenta cada ação que se pretenda conseqüente na ciranda nos programas de leitura.

O projeto encerrou-se em 2005 no CCBB mas continua em outros espaços e tomou conta, como expressão e forma de muitas ações de leitura. Virou tese de mestrados e doutorados. Transformou a do escritor com a mídia, com seu modo de exposição ao público. Profissionalizou-o como showman de seu próprio livro.

Para onde irão as Rodas?

Comecei o artigo receosa e termino mais receosa ainda, pois não sou propriamente uma expert em leitura, sequer uma pesquisadora exclusiva da área. Apenas tenho noção da eficiência de certos procedimentos adotados em relação às Rodas. E as pretensões não são muitas.

Tenho certeza de que trabalho objetivamente com um evento, fruto de experiência pedagógica pessoal. Feliz ou infelizmente, não tenho maiores ambições com ele. Enquanto encontrar apoio de instituições, aí estará o Rodas de Leitura.

Tenho uma secreta esperança, que aqui torno pública: a de que, lendo este artigo ou assistindo a algumas rodas, outras pessoas se interessem por desenvolver programa semelhante. Nas escolas, nos centros culturais, nas bibliotecas, até em reuniões informais. Quem sabe um dia pessoas não irão se reunir para ler? Já imaginaram um aniversário que tenha como uma das atividades (além de comer, conversar, dançar) - ler?

Com isso quero dizer que o projeto é de todos, apesar de estar patenteado não possui dono. Pode ser realizado por qualquer amante da leitura, professor ou leigo. Não dizem por ai que quanto mais estrelas houver no céu, mais maravilhoso ele fica? Pois é isso mesmo! Fica o convite para todo o mundo. Sei que isto não é delírio de poeta. Também não é um trabalho tão generoso assim. Explicando melhor: como escritora e professora de literatura, resolvi fazer alguma coisa pelo mercado de livros e, conseqüentemente, por mim. Se é que desejo escrever e publicar, o melhor a fazer, em vez de ficar parada me lamentando pela falta de leitores, é dedicar-me a formar público para a literatura, sabendo perfeitamente

que, ao trabalhar para isso, estou trabalhando para mim.
De resto, não há mistério. Nem truques. Só leitor e leitura, autor e público. O texto sendo tratado de forma natural, sem sofisticções, com um razoável aprofundamento nas suas mais importantes propostas. Que mais poderíamos desejar?